

XVII SIMPÓSIO NACIONAL DA ABHR

II SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS DA RELIGIÃO DA UEG

ÉTICAS E RELIGIÕES EM TEMPOS DE CRISE - NOV. 2021



AS ORIGENS DA INTERMINÁVEL DISCUSSÃO SOBRE O ASPECTO RELIGIOSO DO ESPIRITISMO

Brasil Fernandes de Barros*

1. O EMBATE ENTRE ESPÍRITAS, ESPIRITUALISTAS E OCULTISTAS

Nas duas últimas décadas do século XIX o movimento espírita brasileiro enfrentava em seu plano ideológico uma tendência de cisão entre os chamados laicos ou científicos, liderados pelo professor Afonso Angeli Torteroli de um lado e os religiosos ou místicos, liderados pelo Dr. Adolfo Bezerra de Menezes Cavalcanti do outro. (Quintela, 1973). Essa tendência de cisão não se deu por acaso, pois as mesmas discussões estavam acontecendo no Espiritismo Europeu¹. Nessa época também crescia o movimento liderado pelos ocultistas que entendiam que as “[...] ciências, ofereciam explicações alternativas para os fenômenos espíritas. Os ocultistas, assim como os psicólogos, afirmaram ser os novos árbitros do invisível, os quais insistiam que os espíritos não eram necessariamente tão sobrenaturais quanto eles haviam afirmado.” (Sharp, 2006, p. 164, tradução nossa)². Esse movimento acabou por colocar lado a lado os espíritas e os espiritualistas apesar de suas divergências, pois chegou a ameaçar a continuidade do Espiritismo/Espiritualismo. No *Congres de Psychologie* no ano de 1900, onde Gabriel Delanne e León Denis ambos defensores do Espiritismo e, de certa forma, herdeiros da liderança de Kardec³, se pronunciaram na condição de principais líderes do Espiritismo Francês (apesar de suas divergências com relação ao

* Doutorando e Mestre em Ciências da Religião pela PUC Minas. Bolsista CAPES. E-Mail: brasil@netinfor.com.br

¹ Nesse ponto falamos europeu, e não francês pois nos referimos também ao Espiritualismo que existia em outros países da região.

² [...] science, offered alternative explanations for spiritist phenomena. Occultists, like psychologists, claimed to be the new arbiters of the invisible, which they insisted was not necessarily as supernatural as the spirits had claimed.

³ Dizemos aqui de certa forma porque não era desejo de Kardec deixar uma liderança individual e sim uma comissão central como foi tratado no livro *Obras Póstumas*. (Kardec, 2016, p. 312)

aspecto religioso do Espiritismo), contra as colocações depreciativas que vinham sendo feitas a respeito da intervenção dos espíritos no mundo corporal. Mais à frente, nesse mesmo ano, no *Congres spirite et spiritualiste international*, o ocultista Gérard Encausse Papus proferiu discurso, elogiando a defesa notável que foi feita por Delanne e Léon Denis a respeito do Espiritualismo. No livro *Secular Spirituality. Reincarnation and Spiritism in Nineteenth-Century France*, Lynn L. Sharp descreve tais eventos da seguinte forma:

Em 1900, a comunidade científica em geral havia rejeitado as explicações dos espíritas sobre os fenômenos mediúnicos. No quarto *Congres de Psychologie*, em Paris, em 1900, espíritas e ocultistas tiveram sua última chance de participar do diálogo público com os cientistas que começaram a estudar os mesmos fenômenos. Em uma seção intitulada "Psicologia e Hipnotismo", os espíritas foram "autorizados" a apresentar sua opinião. Os líderes das ciências heterodoxas se apresentaram em peso. Gabriel Delanne falou sobre a clarividência e a telepatia; e seu colega e líder espírita Léon Denis falou da captura por foto ou outros aparelhos de "radiações" humanas. Isso provou a manifestação dos espíritos. Uma figura ocultista líder, Dr. Encausse (Papus), apresentou medições elétricas de médiuns para provar que eles adquiriram mais energia (implícita ser extra-humana) quando funcionavam como médiuns. M. Dariex, editor do *Annales des sciences psychiques*, apresentou evidências sobre telecinese e Paul Gibier sobre as materializações dos fantasmas. O Dr. Grasset, ao descrever a conferência, gabou-se do caráter de mente aberta dos cientistas, mesmo diante de evidências tão pouco convincentes. (Sharp, 2006, p. 135, tradução nossa)⁴

Havia nessa época uma tentativa de desmerecer os fenômenos espíritas, tentando atribuí-los à histeria e ao transe hipnótico com mensagens que eram trazidas do subconsciente dos médiuns. (Sharp, 2006, p. 136).

A tentativa de desacreditar os eventos metafísicos produzidos nos fenômenos espíritas não era novidade, pois desde a época das mesas girantes e de sons de pancadas nas paredes (*rappings spirits*) atribuídas aos espíritos, tais fenômenos eram, para alguns cientistas, nada mais que fraudes, atitudes de autoilusão. Eles defendiam

⁴ By 1900, the scientific community in general had rejected spiritists' explanations of mediumistic phenomena. At the fourth *Congres de Psychologie* in Paris in 1900, spiritists and occultists had their last chance to participate in public dialogue with the scientists who had begun to study the same phenomena. In a section titled "Psychology and Hypnotism," the spiritists were "allowed" to present their view. The leaders of the heterodox sciences turned out in force. Gabriel Delanne spoke on clairvoyance and telepathy; fellow spiritist leader Leon Denis on the capture by photo or other apparatus of human "radiations" that proved the workings of the spirits. A leading occult figure, Dr. Encausse (Papus), presented electric measurements of mediums to prove that they acquired more energy (implied to be extra-human) when they functioned as mediums. M. Dariex, editor of the *Annales des sciences psychiques*, presented evidence on telekinesis, and Paul Gibier on the materializations of phantoms. Dr. Grasset, in describing the conference, boasted of the open-minded character of the scientists, even in the face of such unconvincing evidence.

que os movimentos das mesas girantes se tratavam de movimentos involuntários causados pelos participantes de forma inconsciente. Em 1853 Michael Faraday publicou o relato de uma sessão na qual ele observou que os participantes moviam a mesa com as mãos, embora não tivessem consciência disso. Em 1853, o *Journal des debats* republicou um artigo de 1834 da *Revue des deux mondes* detalhando estudos de Leon Chevreul, o qual “provou” que indivíduos poderiam causar os movimentos apenas com seu pensamento sem, contudo, terem intenção ou consciência de fazê-lo. Em 1854, o respeitado cientista Jacques Babinet também argumentou, na *Revue des deux mondes*, que o movimento involuntário era a causa do fenômeno das mesas girantes. Mesmo com a alegação dos espíritas de que as mesas se moviam sem serem tocadas, os cientistas argumentaram que isso era simplesmente autoilusão por parte de praticantes ávidos. A comunidade científica estava de acordo e o assunto parecia fechado. (Sharp, 2006, p. 131).

2. O ESPIRITISMO COMO CIÊNCIA

No período compreendido entre 1860 a 1870, o interesse pelos fatos espíritas por parte da comunidade científica foi muito pequeno, mas os fenômenos mediúnicos cresceram e não mais se limitavam a mesas ou objetos que se movimentavam. Começaram a surgir fenômenos muito mais complexos, como a materialização de flores, doces e até espíritos inteiros com a manipulação de ectoplasma⁵. Os fenômenos se multiplicaram e muitos eram apresentados como verdadeiros shows enquanto outros eram objeto de estudos científicos sérios. Entre eles Daniel Dunglas Home, viajou pela Europa fazendo apresentações públicas, incluindo uma para Napoleão III, os irmãos Davenport trouxeram grandes audiências para salas em Paris e Londres. Os mesmos fenômenos foram relatados por sociedades espíritas e pesquisas científicas de observadores respeitados, como o físico William Crookes, na Inglaterra. Esses fenômenos despertaram na década de 1870 um crescente interesse dos cientistas na Inglaterra; a década de 1880 viu aumentar a participação em grupos espíritas na

⁵ Segundo o Espiritismo, o ectoplasma é uma substância viscosa, branca ou clara que saíria das bocas e narizes de pessoas e seria manipulada pelos espíritos no processo de materialização de si mesmos.

França, junto com um aumento no número de periódicos, o que tornou o movimento mais visível. (Sharp, 2006, p. 132).

Os espíritas se afastaram do meio científico tradicional e passaram a se autoentitular cientistas, atuando em diversas frentes invadindo o território de diversas ciências:

Astrônomos encontraram espíritas ocupados descrevendo os mundos plurais do cosmos. Curadores espíritas, fazendo curas nas pessoas através do conselho de espíritos, ameaçavam a autonomia profissionalizante dos médicos alopatas⁶. Os espíritas também afirmaram que o mundo espiritual era a fonte dos fenômenos que os psiquiatras argumentavam que vinham do subconsciente. Tanto em Paris como em Marselha, leigos com inclinação para a ciência criaram sociedades para estudar fenômenos mediúnicos. Em 1878 P. G. Leymarie e Gabriel Delanne fundaram a Sociedade Científica de Estudos Psíquicos (*Société scientifique des études psychologiques*) para atuar em conjunto com a Sociedade de Estudos Espíritas (*Societe des études spirites*), mais moralmente inclinada. Este grupo envolveu os espíritas mais elitistas de Paris. Delanne convidou cientistas da Inglaterra e da França para participar de sessões e para testemunhar por si mesmos as habilidades sobrenaturais dos melhores médiuns; alguns de seus convites foram respondidos. (Sharp, 2006, p. 132, tradução nossa⁷)

O afastamento que se deu entre os espíritas e os cientistas tradicionais de sua época fez com que os próprios espíritas fizessem ciência à sua maneira. Isso aconteceu exatamente no período que vai de 1860 a 1870, que, não por coincidência, esteve sob a batuta de Kardec, no auge de sua produção. Entendemos que isso se deu pelo fato dele ter dado uma abordagem científica para o Espiritismo particularmente pela influência positivista em suas análises dos fenômenos espíritas. Apesar disso, a própria mentalidade positivista, recurso amplamente utilizado pelos cientistas de seu tempo, foi usada para “combater as concepções idealistas e espiritualistas da realidade, concepções que os positivistas rotulavam como metafísicas” (Reale; Antiseri, 2005, p.

⁶ Essa prática no Brasil inclusive determinou a criação do artigo 157 do Código Penal de 1890, que dizia que era crime praticar o Espiritismo. Teoricamente, a intenção da lei era de resguardar o monopólio do exercício da “arte de curar”, pois estava associado aos artigos 156 e 158 que se referiam à prática ilegal da medicina. (Giumbelli, 2003, p. 254)

⁷ Astronomers found spiritists busy describing the plural worlds of the cosmos. Spiritist healers, curing people through the advice of spirits, threatened the newly professionalizing autonomy of allopathic doctors. Spiritists also claimed the spirit world was the source of phenomena that psychiatrists argued came from the subconscious. Both in Paris and in Marseilles, scientifically inclined lay people created societies to study mediumistic phenomena. In 1878 P.-G. Leymarie and Gabriel Delanne founded the scientific leaning *Societe scientifique des études sychologiques* (Scientific Society of Psychological Studies) to act alongside the more morally inclined *Societe des études spirites* (Society of Spiritist Studies). This group involved the most elite spiritists in Paris. Delanne invited scientists, from England as well as France, to participate in seances and to witness for themselves the supernatural skills of the best mediums; few of his invitations were answered.

298). Mas isso não afetou Kardec, pois ele afirmou que o Espiritismo “amplia, [...] o domínio da Ciência, e é nisto que ele próprio se torna uma ciência; como, porém, a descoberta dessa nova lei traz consequências morais, o código das consequências faz dele, ao mesmo tempo, uma doutrina filosófica.” (Kardec, 1989, p. 75). Ao ampliar o conceito de ciência, Kardec passa a analisar o fenômeno metafísico de forma positiva, embora não possamos afirmar a partir daí que Kardec fosse positivista, uma vez que, para o positivismo, a priori, o sobrenatural não existe, estando assim em contradição com o próprio positivismo, o que para Augusto César Araujo ficaria caracterizada uma espécie de positivismo espiritualista para ser aplicado ao metafísico. (Araujo, 2014, p. 95).

3. A HERANÇA DA DISCUSSÃO PARA O BRASIL

Nessa ampliação do espectro da ciência feita por Kardec, vamos ver o nascedouro de uma enorme fonte de discussões, que inclusive dura até hoje, como, por exemplo, quando vemos Araujo afirmar que é apologética a posição de Dora Incontri quando esta fala da posição científica de Kardec (Araujo, 2014, p. 96). Não queremos nesse ponto entrar no mérito da discussão em si, se Espiritismo é ou não ciência. O que queremos chamar a atenção é para a discussão que isso gerou e como que dividiu os espíritas e espiritualistas do século XIX e divide até hoje. Por consequência desse conceito expandido de ciências, encontraremos três vertentes: 01) aqueles que seguiram Kardec em sua nova forma de ciência e se mantiveram como espíritas; 02) os que vão afirmar que o Espiritismo era pseudociência o rejeitaram pois não aceitavam associar a ciência ao sobrenatural; 03) os que vão ver nessa doutrina um aspecto religioso ou de misticismo e que vão fazer do Espiritismo/Espiritualismo uma religião, aspecto esse que nem mesmo os positivistas deixaram de lado:

Os mais proeminentes líderes espíritas, Gabriel Delanne e Léon Denis, representavam as duas principais respostas do movimento. Delanne lutou para obter reconhecimento científico, enquanto Denis promoveu o lado espiritual, até mesmo místico, do movimento espírita. Os espíritas nunca desistiram de sua pretensão de ser científicos, mas isso mudou no fim do século para ser uma explicação minoritária (incorreta na opinião de muitos) dos fenômenos científicos comumente aceitos. No final, foi a visão de espiritualidade, reencarnação e um papel crítico contínuo de Denis para o

espiritismo, que permaneceu como características duradouras do movimento. (Sharp, 2006, p. 164, tradução nossa)⁸

A discussão sobre o aspecto científico *versus* o aspecto místico/religioso do Espiritismo é complexa, Araujo (2014, p. 51 a 53) destaca que o astrônomo Camille Flammarion (1842-1925) teria se afastado da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, da qual era membro desde 1861, por não admitir que o Espiritismo tomasse os contornos de uma religião, pois entendia que esse devia ser estudado primeiramente como ciência antes que uma filosofia religiosa. Essa questão entre o aspecto científico e o religioso da doutrina era tão acirrada que no discurso promovido por Camille Flammarion no túmulo de Kardec trouxe à tona as questões que vinham sendo discutidas sobre o aspecto religioso do Espiritismo:

Quantos corações foram consolados, de início, por esta **crença religiosa!** Quantas lágrimas foram enxutas! [...] Não será nada ter trazido ao espiritualismo tantos seres que vacilavam na dúvida e que não mais amavam a vida física, nem a intelectual? Allan Kardec era o que eu denominarei simplesmente “o bom-senso encarnado”. Razão reta e judiciosa, aplicava sem cessar à sua obra permanente as indicações íntimas do senso comum. [...] O ponto de partida era aplicar-lhes a razão firme do simples bom-senso e examiná-las segundo os princípios do método positivo. Conforme o próprio organizador deste estudo demorado e difícil previra, **esta doutrina, até então filosófica**, tem que entrar agora num período científico. [...] Esse método experimental, a que devemos a glória dos progressos modernos e as maravilhas da eletricidade e do vapor, deve colher os fenômenos de ordem ainda misteriosa a que assistimos para os dissecar, medir e definir. Porque, meus Senhores, o Espiritismo não é uma religião, mas uma ciência, da qual apenas conhecemos o abecê. Passou o tempo dos dogmas. [...] O sobrenatural não existe. As manifestações obtidas com o auxílio dos médiuns, como as do magnetismo e do sonambulismo, são de ordem natural e devem ser severamente submetidas à verificação da experiência. Não há mais milagres. Assistimos ao alvorecer de uma ciência desconhecida. [...] Doravante, o mundo é regido pela ciência e, Senhores, não virá fora de propósito, neste discurso fúnebre, assinalar-lhe a obra atual e as induções novas que ela nos patenteia, precisamente do ponto de vista das nossas pesquisas. (Kardec, [1869] 2007, p. 198, grifos nossos).

O discurso de Camille Flammarion deixa claro que, do seu ponto de vista, entendia que Kardec posicionava o Espiritismo como religião, ou pelo menos agia como tal. Ele fala claramente que essa doutrina se tratava de uma crença religiosa e até então filosófica, tinha sua real vocação para ser uma ciência. O autor do artigo *O Espiritismo*

⁸ Gabriel Delanne and Leon Denis, represent the two main responses of the movement. Delanne struggled to gain scientific recognition, while Denis promoted the spiritual, even mystical, side of the spiritist movement. The spiritists have never given up their claim to be scientific, but it changed in the fin de siècle to be a minority explanation (incorrect in the opinion of many) of commonly accepted scientific phenomena. In the end it was Denis' vision of spirituality, reincarnation, and a continuing critical role for spiritism that remained the lasting characteristics of the movement.

em seu tríplice aspecto: científico, filosófico e religioso, Silvio Chibeni (2003, p. 357), problematiza a questão do aspecto científico do Espiritismo, discordando do que Flammarion afirmava. Para Chibeni, se for feita uma análise do Espiritismo sem um viés apologético, avaliando sua estrutura e desenvolvimento, verificar-se-á que se trata de uma ciência genuína, se forem levadas em conta as características apontadas pela filosofia da ciência contemporânea. Chibeni afirma que a:

[...] ciência autêntica consiste, de modo simplificado, de um *núcleo teórico* principal, formado por leis fundamentais, introduzidas a título de hipóteses. Esse núcleo é circundado por *hipóteses auxiliares*, que o complementam e efetuam sua conexão com os dados empíricos. Essa estrutura teórica mais ou menos hierarquizada faz-se acompanhar de determinadas regras, nem sempre explícitas, que norteiam o seu desenvolvimento. De um lado, há a regra “negativa”, que estipula que nesse desenvolvimento os princípios do núcleo teórico devem, o quanto possível, ser mantidos inalterados. Eventuais discrepâncias entre as previsões da teoria e as observações experimentais devem ser resolvidas por ajustes nas partes menos centrais da malha teórica, constituídas pelas hipóteses auxiliares. Regras “positivas” sugerem ao cientista como, quando e onde essas correções e complementações devem ser efetuadas. Essa é uma descrição sucinta e simplificada daquilo que o filósofo da ciência contemporâneo Imre Lakatos chamou de *programa científico de pesquisa*. (Chibeni, 2003, p. 356)

Dessa forma, pode-se falar em uma Ciência Espírita⁹, pois o método científico baconiano aplicado por Kardec, se aplicava perfeitamente à definição abordada acima. Chibeni afirma ainda que Kardec se antecipa às conquistas recentes da filosofia da ciência, segundo ele

seus escritos, correspondem efetivamente à visão que os filósofos da ciência têm hoje. Isso teve a conseqüência (sic) feliz de que, ao travar contato com uma nova ordem de fenômenos, Kardec empregou em sua investigação métodos e critérios corretos, o que lhe possibilitou a implantação de uma verdadeira ciência do espírito. (Chibeni, 2003, p. 357)

⁹ Quando se fala em Ciência Espírita, Kardec diz que a ciência comum não está apta a avaliá-la e por esse sentido deixa de ser positivista, pois uma das características fundamentais do positivismo era, segundo Comte, ter uma unidade de métodos para todas as ciências (ARAUJO, 2014, p. 100). Embora não seja objeto de nosso trabalho o aspecto científico do Espiritismo, Kardec afirma de forma direta sobre essa impossibilidade da ciência natural “comum” de analisar o Espiritismo: “As ciências ordinárias assentam nas propriedades da matéria, que se pode experimentar e manipular livremente; os fenômenos espíritas repousam na ação de inteligências dotadas de vontade própria e que nos provam a cada instante não se acharem subordinadas aos nossos caprichos. As observações não podem, portanto, ser feitas da mesma forma; requerem condições especiais e outro ponto de partida. Querer submetê-las aos processos comuns de investigação é estabelecer analogias que não existem. A Ciência, propriamente dita, é, pois, como ciência, incompetente para se pronunciar na questão do Espiritismo: não tem que se ocupar com isso e qualquer que seja o seu julgamento, favorável ou não, nenhum peso poderá ter.” (KARDEC, 2008, p. 35).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Baseados nesses relatos, podemos concluir que não era somente a Igreja Católica que encarava o Espiritismo como religião, tanto os cientistas e estudiosos da época, como algumas correntes dos espíritas e dos espiritualistas alimentavam essa ideia. Essa discussão tem um forte relacionamento com o Iluminismo e que conforme demonstrado, tem sua gênese na França do Século XIX. Desta forma, diferente do que muitos afirmam a discussão do aspecto religioso do Espiritismo no Brasil somente herdou da Europa o que lá já acontecia e de forma tão ou mais ardorosa que aqui em nossas terras.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Augusto César Dias de. O Espiritismo, “esta loucura do século XIX”, 2014. 287 f. Tese (Doutorado), Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014.

BACON, Francis. Novum Organum. “Aforismo XIX”. São Paulo: Nova Cultural, 1988. (Coleção Os Pensadores)

CHIBENI, Silvio Seno. O Espiritismo em seu tríplice aspecto: científico, filosófico e religioso (parte II). Reformador, Rio de Janeiro, ano 122, n. 2094, p. 356-359, set. 2003.

COMTE, Augusto. Curso de Filosofia Positiva. São Paulo: Editora Abril, 1983. (Coleção Os Pensadores)

GIUMBELLI, Emerson. O “baixo espiritismo” e a história dos cultos mediúnicos. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 9, n. 19, p. 247-281, jul. 2003.

INCONTRI, Dora. Pedagogia Espírita: um Projeto Brasileiro e suas Raízes Histórico-Filosóficas, 2001. 340f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação da USP, São Paulo, 2001.

KARDEC, Allan. O que é o Espiritismo. Tradução Guillon Ribeiro. 33. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1989.

KARDEC, Allan. Revista Espírita. Jornal de Estudos Psicológicos. Ano décimo segundo. Tradução Evandro Noleto Bezerra. Rio de Janeiro: FEB [1869] 2007.

KARDEC, Allan. O Livro dos Espíritos. Tradução Guillon Ribeiro. 91 ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008.

KARDEC, Allan. Obras Póstumas. Tradução Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. Brasília: FEB,

2016.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. História da Filosofia. Do romantismo até nossos dias. 7. ed. São Paulo: Paulus, 2005. v. III.

SHARP, Lynn L. Secular Spirituality. Reincarnation and Spiritism in Nineteenth-Century France. United Kingdom: Lexington Books, 2006.